

CIÊNCIA EM AÇÃO

CONTRA LIMITAÇÕES

Pesquisa prevê inclusão de deficientes

Projeto gerará pesquisas de produtos para pessoas com necessidades especiais

IFPPA
Diretoria de Comunicação

No Brasil, segundo último censo realizado em 2010 pelo IBGE, há um expressivo crescimento no número de pessoas que declararam algum tipo de deficiência ou incapacidade. No que diz respeito especificamente às pessoas que declararam deficiência visual, de um total de 35.791.488 (18,76%), 528.624 declararam que não conseguem enxergar de modo algum; 6.056.684 que sentem grande dificuldade de enxergar e 29.206.180 que sentem alguma dificuldade.

No Pará, do total de 1.790.289 pessoas que assumiram ter pelo menos um tipo de deficiência, 1.393.399 (77,83%) estão na capital, Belém. Estes números mostram a demanda existente para o desenvolvimento de tecnologias assistivas em nosso país. Muitas dessas tecnologias existentes no mercado brasileiro ainda são de origem estrangeira, o que dificulta o barateamento de sua produção e melhoramento.

Nesse contexto, o IFPPA-Instituto Federal do Pará apresentou proposta ao Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) de criação do Núcleo de Pesquisa, Desenvolvimento e Inovação em Tecnologias Assistivas, de autoria da Dra. Waldinete Oliveira da Costa Rolim, que foi aprovada e já compõe a Rede Nacional coordenada pelo Centro de Tecnologia da Informação Renato Archer, atendendo aos pressupostos do Plano Viver Sem Limites do governo Federal.

Através do núcleo, serão realizadas pesquisas vinculadas ao desenvolvimento de produtos para as mais diversas audiências, principalmente aqueles que facilitarão

o processo de ensino-aprendizagem das pessoas com deficiências e limitações.

O núcleo do IFPPA tem como objetivo geral desenvolver pesquisas, processos, tecnologias, técnicas e instrumentos assistivos e educacionais que facilitem o acesso, a apreensão e o aprendizado do conhecimento científico e tecnológico às mais diversas audiências, particularmente às pessoas com necessidades educacionais especiais, rompendo as barreiras das deficiências através de ações transversais de alfabetização científica e inovação tecnológica, apropriadas ao comprometimento neuro-perceptivo-motor, eliminando ou reduzindo as limitações dessas deficiências, de forma a melhorar a qualidade de vida e oportunizar aos indivíduos o exercício pleno de cidadania e inclusão social.

Todo esse arcabouço de ações corroboram para o paradigma atual da função social das instituições de ciência & tecnologia, que sobrepõe-se à simples disseminação do conhecimento. Em sua essência, esse paradigma prevê uma ciência cidadã, a ciência para a cidadania, em outras palavras, a ciência para a ação.

Dessa forma, vislumbra-se um processo de Alfabetização Científica para todos, objetivando-se o entendimento público acerca da ciência, pela formação de uma conscientização pública do que, e para que, é a ciência, estabelecendo-se um processo dialogal com os saberes do cotidiano, de maneira que a sociedade possa correlacionar o conhecimento científico com sua realidade vivenciada.

As raízes do compromisso mundial com a equiparação das oportunidades sociais e econômicas para pessoas com deficiências são humanitárias e econômicas. De uma perspectiva humanitária, há a intenção de assegurar às pessoas com deficiências o que é geralmente acordado como sendo parte de seus direitos humanos básicos.



Waldinete desenvolveu o projeto, apoiado pelo pró-reitor de extensão, José Alberto, e apresentado ao Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovação

Dificuldades a serem superadas

Já de uma perspectiva econômica, espera-se que o compromisso aumente a capacidade das pessoas com deficiências, permitindo-lhes reduzir a dependência nas transferências de renda e outras formas de suporte público. Esta expectativa econômica engloba o entendimento que a deficiência é uma questão de desenvolvimento.

Com o paradigma da inclusão social, propõe-se na esfera educacional uma releitura das possibilidades dos sujeitos, baseando-se na compreensão do indivíduo como ser cognoscente, afetivo e social, que pode ser desenvolvido plenamente, independente das limitações físicas, sensoriais ou cognitivas que possa apresentar. Em função dessa rea-

lidade, tornou-se imprescindível a projeção de tecnologias assistivas que possibilitassem às pessoas a superação de suas dificuldades funcionais. É preciso, portanto, inserir a ciência e a tecnologia nesse contexto, assegurando o direito de todos e de cada um de ter acesso a essas soluções.

INSTITUTO

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPPA) tem mais de 100 anos de história, contribuindo para o ensino técnico e profissionalizante do estado, com 12 campi distribuídos no Pará e outros 5 em fase de implantação. É responsável pela formação profissional pública e gratuita no es-

tado, contribuindo efetivamente na formação de mão de obra qualificada e tecnológica, além de desenvolver pesquisas aplicadas inovadoras, associando a formação técnica com a produção de experimentos/produtos, atribuindo aos formandos a experiência necessária para complementar a formação acadêmica.

Além do compromisso de implantar o Núcleo de Tecnologia Assistiva, o IFPPA atua em outros programas partes do PPA, como a implantação de Centros Vocacionais Tecnológicos, como é o caso do Centro Tecnológico do Couro, em Conceição do Araguaia, e o Central Ciência, que já instalou Núcleos em vários municípios do estado, contribuindo efetivamente com

a formação técnica e profissionalizante.

O IFPPA já vem implementando ações no sentido de atender as pessoas com necessidades especiais, cumprindo o estabelecido nas políticas de inclusão da Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica (Setec).

RESUMO

AÇÕES

Dentre as ações estão a implantação dos NAPNES-Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidades Educacionais Especiais em todos os campi do Instituto, além de desenvolver softwares e publicações voltadas a esse público através do CentrAlCiência.

CONTRA O CÂNCER

A alegria como tratamento para crianças

BRUNO HENRIQUE
Asscom Cesupa

As egressas do curso de Enfermagem do Cesupa, Rafaela Danta, Raiane Pereira e Lídia Laignier, sob orientação da professora Maria de Belém Ramos, resolveram elaborar um trabalho de curso com foco na importância do brincar para as crianças com câncer do Hospital Ophir Loyola.

As alunas fizeram uma pesquisa no setor pediátrico e na brinquedoteca do Hospital, referência em oncologia em Belém. Concentraram suas pesquisas na ala de pediatria oncológica do hospital, composta por 18 leitos com cinco enfermarias, um isolamento, uma semi-intensiva, fazendo parte, também, do hospital DIA com oito leitos e uma sala de hemoterapia

e quimioterapia, onde se encontra uma videoteca com uma sala de aula para as crianças.

Foram muitas as pesquisas feitas pelas alunas, sobre a estadia dos pacientes no hospital, a qualidade de vida que as crianças poderiam ter com ou sem a implantação do "brincar", e em relação aos cuidados. Raramente a hospitalização é aceita, pois ela pode afetar o desenvolvimento da criança, interferindo em sua qualidade de vida, no cotidiano e ambiente familiar.

O trabalho foi dividido em três categorias. A primeira categoria abordava a importância do brincar, a segunda demonstrava o nível de envolvimento das crianças nas brincadeiras e a terceira categoria tratava do envolvimento dos cuidadores e familiares com as crianças oncológicas.

Foi concluído então que as brincadeiras melhoram a estima da criança, pois brincar sempre foi e será uma atividade espontânea e muito prazerosa. Pois é na brincadeira que a criança consegue vencer seus limites e passa a vivenciar experiências que vão além de sua idade e realidade.

O ato de cuidar do outro, principalmente quando este necessita, vai além de um simples olhar para ele de fora. É preciso capacidade de estar com ele em seu mundo, entrar e viver aquele mundo. O cuidar destes pacientes com câncer deve abranger as necessidades físicas, psicológicas e também sociais. É preciso cuidar dessas crianças, primeiramente em seu mundo particular, não deixando passar despercebida nenhuma etapa de sua tra-

jetória de vida.

A jovem Priscila Farias, 22, lembra-se das brincadeiras que tem com seu filho: "Eu participo com ele destes momentos. Fico sentada no chão, ele empurra o carrinho para mim e eu empuro de volta. No início, meu filho ficava triste, mas depois ele começou a brincar e a ficar mais animado e alegre".

O trabalho de curso das alunas buscava saber se, assim como os profissionais da área da saúde, os pais também reconheciam os benefícios do brincar. Para isso elaboraram um questionário com algumas perguntas e distribuíram aos acompanhantes dessas crianças, que na maioria eram os pais, para então ter um resultado do que acontece dentro de casa e do hospital.

O objeto de estudo do tra-

balho foram crianças em tratamento oncológico no hospital, que tinham entre cinco e dez anos e que de alguma forma estavam em condições de brincar. As alunas fizeram cinco visitas ao hospital. "As nossas visitas eram sempre muito emocionantes, pois tínhamos contato com crianças que, às vezes, possuíam todos os motivos para não sorrir, e mesmo internadas e com uma doença relativamente grave mantinham o sorriso no rosto", ressaltou Rafaela Danta.

Os enfermeiros têm o papel de dar apoio aos pacientes, o qual consiste em habilidades técnicas, instrumentais, habilidades de relacionamento interpessoal, além de higiene, alimentação, coleta de material para exames e administração de medicação. Desta forma, cria-

se um vínculo afetivo pela maior proximidade entre a criança e seus familiares, transformando o enfermeiro em parte da família.

"As brincadeiras são muito importantes para o tratamento oncológico, pois, já que a criança está debilitada, pode até entrar em estado de depressão. Com a 'hora do brincar' o paciente começa a reagir e oferecer melhoras", disse, João da Silva, pai de uma criança internada no HOL.

RESUMO

PUBLICAÇÃO

O trabalho de conclusão de curso das alunas do Cesupa foi aprovado pelo Conselho Editorial da Revista de Pediatria Superje e será publicado em breve.